

## TEXTO 5

**Um ano entre os esquimós\***

A descrição de algumas experiências que tive no Ártico não trará aventuras emocionantes, como naufrágios e escapadas por um triz, pois não as vivi. Minha narrativa estará centrada na vida diária dos habitantes dessas costas cercadas de gelo, os esquimós. Eles foram os meus companheiros em todas as excursões. Eu costumava viajar de aldeia em aldeia. Assim, a sorte deles era a minha sorte, e as pequenas aventuras da vida deles eram as minhas aventuras. Espero que a aparente falta, na minha descrição, de cenas emocionantes e perigos iminentes seja compensada pelo fato de que minhas experiências são as de todo um povo, de que as minhas dificuldades e perigos eram aqueles que os esquimós têm de enfrentar e combater durante toda a vida.

Quando nosso navio se aproximou pela primeira vez das praias sombrias da Terra de Baffin — uma das grandes ilhas que formam o arquipélago ártico — os esquimós nos avistaram, tripularam um barco e subiram a bordo de nossa escuna. Eu mal imaginava que em pouco tempo olharia para aquele pequeno sujeito sujo, de cabelos compridos e olhos brilhantes, com sentimentos de interesse caloroso, para não dizer amizade; mal imaginava a cordialidade com que seria acolhido em suas pequenas cabanas.

Alguns dias depois o navio nos deixou. Fiquei com meu criado entre os esquimós. Acho desnecessário descrever suas estaturas baixas e rostos chatos; suas roupas de pele com acabamento perfeito; os casacos de caudal longas das mulheres, que carregam as crianças em imensos capuzes dos próprios casacos; ou as botas largas que chegam aos quadris. Nem vou falar sobre a embarcação rápida, o caiaque, que habilmente manejam com o remo de pá dupla.

Passei setembro e os primeiros dias de outubro em breves excursões nos arredores do lugar em que tinha desembarcado, pois a estação já estava avançada demais para empreender longas viagens. As encostas marroms das montanhas começavam a ser mais uma vez cobertas com um manto branco de neve, e o gelo se formava nas baías. As ventanias rugiam sobre o mar em algumas semanas. O gelo se formava rapidamente.

---

\* *Bulletin of the American Geographical Society* 19 (1887): 383-402.

O inverno chegara. Os esquimós tinham construído cabanas de neve e casas de pedra, que eram cobertas com arbustos e turfa. Grandes lâmpadas ardiam no interior, fornecendo luz e calor. Os bancos de gelo tinham se formado sob o abrigo da terra, e os homens saíam todos os dias para caçar focas na beirada do banco de gelo. Ali permaneciam esperando que uma foca subisse à tona. Assim que o caçador a via, arremessava o arpão. A carcaça era puxada para cima do gelo. Os caçadores devem observar as condições do tempo; pois, se uma ventania repentina começa a soprar da terra, o gelo fica propenso a quebrar e a ser carregado para o mar. Lembro-me de um jovem que foi assim afastado da terra e viu-se incapaz de retornar para a costa. Por oito dias ele andou à deriva, de um lado para outro, à mercê dos ventos. Fortes quedas de neve cobriram o gelo à deriva, e a arrebentação das ondas quebrou o banco de gelo. A morte o fitava sem cessar. No entanto, ele não se desesperou, nem mesmo perdeu a paciência. Zombando de sua própria desgraça, compôs a seguinte canção:

Aya, é maravilhoso sobre o gelo! / Muito belo. / Olhe meu caminho solitário! / Tudo neve, neve derretida e gelo! / É belo! / Aya, é maravilhoso sobre o gelo! / Muito belo. / Olhe minha terra natal! / Neve, neve derretida e gelo! / É belo! Aya, acordando de meus cochilos na aurora, / Campos monótonos de gelo / E sendas sombrias de água / Contemplo. / Aya, oh, quando chegar à terra / Será belo! / Quando terminará esta peregrinação? / Quando chegarei em casa? / Então será belo!

Quando ficou mais frio, o campo de gelo se tornou mais extenso. No início de dezembro o mar estava suficientemente congelado para permitir a viagem. Essa é a época do ano em que os nativos se visitam, e por isso era a estação mais favorável para minhas próprias viagens e explorações. Eu tinha comprado um trenó e cães. No começo do inverno fiz excursões curtas para aprender a dirigir o trenó. Iniciei minha primeira viagem em dezembro, e a partir de então até mais ou menos o fim de julho permaneci sempre andando de um lado para outro, fazendo o levantamento das costas e do interior da Terra de Baffin.

Costumava ficar nas aldeias dos esquimós e examinar os arredores. Assim que terminava o trabalho, passava para a próxima vila. Andei ao longo de toda a costa. Nas aldeias, vivia com os esquimós nas suas casas de neve. Em geral, propunha a um homem que conhecia bem a região que

me acompanhasse por alguns dias, e como eu tinha cães melhores e um trenó melhor que os esquimós, minha oferta era aceita com alegria. Essas viagens duravam geralmente duas semanas, e durante esse tempo o homem ia caçar focas enquanto eu explorava o terreno.

Vou descrever um dia dessas viagens, pois isso dará uma boa idéia da vida dos esquimós no inverno, ao ar livre.

De manhã cedo, a mulher cozinhava a primeira refeição do dia, enquanto o homem preparava o trenó, que consiste simplesmente em patins baixos conectados por barras transversais. Quando em uso, a parte inferior dos patins é coberta por um manto de gelo para que o trenó possa deslizar mais facilmente sobre a neve. A carga consistia em nossos sacos de dormir, meus instrumentos astronômicos, nosso equipamento de caça, facas para a neve, uma lâmpada e um pedaço de carne e gordura de foca. Depois que se prendia essa carga leve com amarras, os cães eram arreados e colocados no trenó. Estávamos prontos para partir. No primeiro dia de uma viagem os cães estão geralmente bem descansados. É difícil refreá-los enquanto ainda não está tudo pronto. Assim que o condutor grita "H!", eles partem pelas rampas de neve, passando pelas pedras de gelo empilhadas na praia. O trenó salta sobre todos os obstáculos, e o viajante precisa empregar toda a sua força e atenção para se agarrar ao veículo e evitar as rochas e os pedaços de gelo salientes.

Quando o trenó chega ao campo de gelo ininterrupto que cobre o mar, deve-se cuidar dos arreios e tirantes dos cães antes de o grupo estar pronto para a partida. Quando tudo está em boa ordem, os viajantes sentam-se no trenó, o condutor na parte da frente; ele toma o chicote, que tem cerca de 7,5 metros de comprimento, e todos partem.

Quando o gelo está nivelado e a neve é dura, é muito agradável andar num trenó leve puxado por bons cães. Nessas circunstâncias, pode-se facilmente percorrer cerca de 112 quilômetros por dia. Mas, mesmo nesse caso, dirigir um trenó é trabalho duro, que requer considerável habilidade e atenção. Depois de algum tempo, um ou outro dos cães torna-se preguiçoso. O condutor então grita seu nome e lhe dá uma chicotada; mas é necessário atingir o cão invocado, pois se outro for atingido, ele se sente injustiçado e se volta contra o cão cujo nome foi gritado; o guia, que não permite nenhuma briga entre os cães, entra na rixa, e logo todo o bando está amontoado numa massa uivante e mordente. Nenhuma quantidade de chicotadas e batidas consegue separar os animais em luta. A única coisa

que se pode fazer é esperar que sua ira diminua e depois arrumar os tirantes, a essa altura tão enredados que precisam ser novamente amarrados.

Mas é necessário ter cautela para fazer isso. Com chicotadas leves em suas cabeças, deve-se fazer com que os cães se deem. Enquanto os tirantes estão sendo amarrados, o guia olha para trás astutamente. Assim que tudo está pronto, ele se levanta de um salto, todos os outros cães o seguem, e logo partem antes que o condutor possa se agarrar bem ao trenó. Se o chicote e as luvas ficam para trás, é necessário voltar num grande círculo para recuperá-los.

Antes de conhecer as peculiaridades dos cães, eu freqüentemente falava com meu companheiro, perguntando-lhe o nome dos promontórios, baías, ilhas etc. Enquanto conversávamos, os cães se voltavam para trás e de repente todos se sentavam, olhando para nós como se quisessem saber do que estávamos falando. Eles não permitem nenhuma conversa entre os viajantes. Todos têm de falar sempre com eles. O condutor dirá: "Aq aq — corram, corram! Ah! Você vê aquela ilha, aquela ilha pequena? Há uma casa nela, uma bela casinha! Agora, corram!", e assim por diante. Se ele quiser virar para a direita, ele atira o chicote para a esquerda e canta: "Aua, ja aua, au aua", e enquanto ele continua a agir desse modo, os cães viram cada vez mais para a direita. Se fizer muito frio, é preciso correr de vez em quando ao lado do trenó, para se aquecer, e por isso os viajantes estão em geral bastante cansados na hora de parar e montar o acampamento.

A primeira coisa a ser feita é construir uma casa de neve. Os blocos de neve são cortados com uma faca ou formão, sendo depois arranjados para formar uma abóbada. Claro, essa casa, que é construída apenas para uma noite, é muito pequena, mas ainda assim exige cerca de duas horas de trabalho. Depois acende-se o fogo e derrete-se um pouco de neve. Enquanto um dos homens realiza esse trabalho, o outro desarreia os cães e leva os arreios para dentro da casa. O trenó é descarregado e tudo transportado para dentro da cabana para que os cães não devorem os apetrechos. Os viajantes levam cerca de quatro horas para preparar sua refeição, que consiste invariavelmente em água e carne de foca crua e gelada. Como eu tinha equipamentos de cozinha melhores, conseguíamos fazer café ou sopa. Era uma grande atração para os esquimós que viajavam comigo. A roupa não é tirada durante a noite, mas conservada no corpo até

que se faça uma estada mais longa. Essas cabanas de neve não aquecem muito durante uma única noite, quando o termômetro marca 40° ou 50° abaixo de zero, embora a porta seja selada com um bloco de neve e a lâmpada fique acesa a noite inteira. Assim, as noites são bastante desconfortáveis, particularmente porque as casas são tão pequenas que não é possível sentar-se com as pernas estendidas. Eu geralmente ficava muito feliz de partir na manhã seguinte e continuar a viagem.

Descrevi a viagem sobre gelo liso e neve dura. Quando o viajante tem de passar por bancos de gelo acidentado, e quando a neve profunda e macia obstrui o caminho, a viagem é mais laboriosa. O condutor tem de ir do lado direito do trenó, empurrá-lo e guiá-lo pelo meio dos blocos de gelo com todas as forças. Deve estimular os cães continuamente; mesmo assim eles se sentam, em intervalos de minutos, para olhar lastimosamente na direção do mestre, como se quisessem dizer: "Não agüentamos mais." Quando quedas de neve repentinas surpreendem os grupos de viajantes, eles às vezes correm perigo de vida. As focas não freqüentam os bancos de gelo quebrados e, além disso, a neve oculta os seus buracos de respiração. No inverno, fomos surpreendidos por uma ocorrência desse tipo. Nosso grupo era composto por três pessoas, um esquimó, meu criado e eu. Como era a minha primeira viagem, eu não sabia muito sobre essas excursões. Quando estávamos a uns 40 quilômetros do povoado que eu pretendia visitar, surpreendeu-nos uma nevasca que cobriu o gelo com uma camada de 60 a 120 centímetros de neve. Nossos cães foram incapazes de prosseguir. Tivemos de abandonar o trenó, os cães e tudo o mais, e seguir para o povoado a pé. Depois de uma marcha laboriosa de cerca de quase 5 quilômetros, baixou uma névoa, entramos num banco de gelo acidentado e em pouco tempo perdemos o caminho. A bússola não adiantava, pois eu não sabia a posição do lugar. Felizmente, depois de algumas horas, a lua apareceu no céu e a névoa se dissipou. Mas só conseguimos encontrar a vila depois de uma marcha de trinta horas a uma temperatura de 48° abaixo de zero, andando durante todo o tempo sobre gelo acidentado, e por muitas horas em neve funda. Os pés de meu infeliz criado congelaram, e ele teve de ficar naquele lugar por vários meses.

Nessa ocasião conheci a hospitalidade dos esquimós. Quando entramos na cabana, meu novo amigo estava ansioso para nos ajudar a tirar as roupas. Recebemos uma cama quente. Enquanto dormíamos, uma foca foi cortada, embora, em consequência do tempo ruim, as provisões estives-

sem escassas; preparou-se uma abundante refeição, que nos foi servida logo que acordamos. Enquanto isso, a “dona da casa” tinha secado nossas roupas e estava ocupada em consertá-las. Em suma, recebemos todo o conforto possível. À noite todos se reuniram em nossa casa, alguns sentados na saliência da cabana, alguns acorados ou de pé sobre o chão, ansiosos por ouvir sobre o nosso infortúnio. Durante a noite soprou uma ventania que endureceu a neve; na manhã seguinte, vários homens partiram para buscar nossas provisões e nossos cães. Tais são os incidentes e as dificuldades das viagens no inverno; mas é agradável e aprazível viajar no inverno, em comparação a andar de trenó no verão. O gelo, nessa época, está coberto com um lençol de água que chega a uma profundidade de 90 a 120 centímetros. Tendo de patinhar nesse lago frio como gelo, o viajante deve tomar cuidado para evitar os grandes sorvedouros que se formam sobre cada buraco de foca e as rápidas correntes que jorram das fendas que cruzam o fluxo em todas as direções. Tudo brilha com uma luz azul e branca que fere os olhos e causa cegueira da neve.

Mas vou voltar às minhas viagens no inverno. Já disse que, enquanto eu fazia o levantamento da região, os esquimós costumavam caçar focas, um trabalho muito cansativo e desagradável no inverno. As focas cavam buracos no gelo, pelos quais elas vêm à tona para respirar. Os cães farejam esses buracos. Quando encontram um deles, o caçador espera ao seu lado até escutar a respiração do animal. Às vezes ele permanece ali, sem se mover, durante um dia inteiro, o arpão na mão direita, a linha do arpão enrolada no braço esquerdo. Assim que escuta o animal, lança o arpão verticalmente para baixo.

Na primavera usa-se outro método de caça. Nessa estação, as focas rastejam sobre o gelo e ficam deitadas ao lado de seus buracos, dormindo e tomando sol. De vez em quando, o animal cauteloso levanta a cabeça e olha ao redor para se assegurar de que ninguém se aproxima. Os esquimós, que usam roupas de pele de foca nessa época do ano, deitam-se sobre o gelo e arrastam-se na direção da caça. Quando o animal olha ao redor, eles se deitam e imitam os seus movimentos. Quando a foca volta a se deitar, aproximam-se com cautela. Por fim, chegam suficientemente perto para atacá-la com o arpão.

No começo do inverno, tive a oportunidade de ver um dos grandes festivais desses esquimós que tem um interesse incomum, pois está intimamente relacionado com suas idéias religiosas. Quando no final do outono



as tempestades estrondeiam sobre a terra, liberando mais uma vez o mar de seus grilhões gelados, quando os bancos de gelo são pressionados uns contra os outros e empilhados numa desordem selvagem, os esquimós acreditam escutar as vozes dos espíritos que habitam o ar carregado de maldades. Esses espíritos atacam as aldeias e trazem doenças e morte, mau tempo e fracassos na caça. Os piores desses espíritos são Sedna, a senhora do mundo subterrâneo, e seu pai, diante de quem os esquimós mortos sucumbem.

As antigas lendas que as mães contam durante as longas noites de inverno aos seus filhos, que escutam temerosos, falam de Sedna: era uma vez um homem que vivia com sua filha Sedna num lugar solitário. Sua esposa morrera há muito tempo, e os dois levavam uma vida quieta. Sedna cresceu e tornou-se uma bela moça, e os jovens vieram de todos os lugares para pedir sua mão. Mas nenhum deles conseguiu conquistar seu coração orgulhoso. Certa primavera, quando o gelo se rompera, uma gaivota veio voando do mar e cortejou Sedna com uma canção sedutora. “Venha comigo”, disse, “venha para a terra dos pássaros, onde nunca há fome. Minha tenda é feita de belas peles de pássaros; meus irmãos, as gaivotas, lhe trarão tudo o que seu coração desejar; suas penas a vestirão; sua lâmpada vai estar sempre cheia de óleo, seu pote cheio de carne.” Sedna não resistiu a essa corte e eles partiram juntos para a terra dos pássaros. Quando, enfim, chegaram à região dos pássaros, depois de uma longa viagem, Sedna descobriu que seu esposo a tinha enganado vergonhosamente. Sua tenda era coberta com peles de peixe, cheias de buracos, que davam livre entrada ao vento e à neve. Em vez de peles de renas brancas, sua cama era feita de couro duro de morsa; e ela tinha de viver comendo os míseros peixes que os pássaros lhe traziam. Logo ela descobriu que tinha jogado a sorte fora quando, no seu tolo orgulho, tinha rejeitado os jovens esquimós. No seu sofrimento ela cantava: “Aya! Oh, pai, se você soubesse o quanto sou miserável, você viria me ver e fugiríamos correndo no seu barco sobre as águas. Os pássaros me tratam cruelmente, sou a estranha. Os ventos frios rugem ao redor da minha cama; eles me dão comida ruim — oh, venha me buscar e levar para casa! Aya.”

Depois de um ano, quando o mar se agitava de novo com ventos mais quentes, o pai deixou sua terra para visitar Sedna. A filha o saudou alegremente e implorou que a levasse para casa. Com pena da filha, o pai levou-a em seu barco enquanto os pássaros estavam fora, caçando. Am-

bos deixaram rapidamente a região que tinha causado tantos sofrimentos a Sedna. Quando voltou para casa à noite e não encontrou a mulher, a gaivota ficou muito zangada. Chamou os companheiros e todos saíram voando em busca dos fugitivos. Logo os avistaram e provocaram uma grande tempestade. O mar se elevou com imensas ondas, que ameaçavam destruir o par. Compreendendo o perigo mortal, o pai decidiu oferecer Sedna aos pássaros. Jogou-a para fora do barco. Ela se agarrou com toda a força à beirada do barco. O pai cruel pegou uma faca e cortou as primeiras falanges de seus dedos. Caindo no mar, eles foram transformados em focas. Sedna agarrou-se ao barco com mais força, as segundas falanges dos dedos caíram sob a ação da faca afiada, e saíram nadando como focas barbadas. Quando o pai cortou os tocos dos dedos, eles se tornaram baleias.

Nesse meio tempo, a tempestade tinha acalmado, pois as gaivotas achavam que Sedna se afogara. O pai então permitiu que ela voltasse a entrar no barco. Mas, desde essa época, ela nutriu um ódio mortal ao pai e jurou amarga vingança. Depois que desembarcaram na praia, ela mandou seus cães morderem os pés e as mãos do pai enquanto ele estava dormindo. Depois disso, ele amaldiçoou a si mesmo, à sua filha e aos cães que o tinham mutilado; então a terra se abriu e tragou cabana, pai, filha e cães. Eles vivem desde então na terra de Adlivun, da qual Sedna é a senhora.

As focas, as focas barbadas e as baleias, que cresceram dos dedos de Sedna, aumentaram rapidamente e logo encheram todas as águas, tornando-se a comida por excelência dos esquimós. Sedna os odeia, porque eles caçam e matam as criaturas que nasceram de sua carne e seu sangue. O pai, que só pode se mover rastejando, aparece aos moribundos; e os feiticeiros freqüentemente vêem sua mão mutilada agarrar e carregar os mortos, que têm de passar um ano na morada funesta de Sedna. Dois grandes cães ficam deitados no limiar e só se movem para deixar os mortos entrar. É escuro e frio lá dentro. Nenhuma cama de peles de renas convida ao repouso; o recém-chegado tem de se deitar sobre couros duros de morsa. Somente aqueles que foram bons e bravos sobre a Terra conseguem escapar de Sedna e levam vidas felizes na terra superior de Kudlivun. Essa terra é cheia de renas; lá nunca faz frio. A neve e o gelo nunca aparecem. Aqueles que sofreram uma morte violenta também po-



dem ir para os campos dos abençoados. Mas, quem esteve com Sedna deve ficar para sempre na terra de Adlivun, caçando baleias e morsas. Com todos os outros espíritos do mal, Sedna se demora no outono entre os esquimós. Mas, enquanto os outros habitam o ar e a água, ela se levanta das profundezas da terra. É uma estação de muito trabalho para os feiticeiros.\* Em toda cabana podemos escutar cantos e orações, em toda casa conjuram-se os espíritos. As lâmpadas ardem com uma chama baixa. O feiticeiro senta-se numa sombra mística no fundo da cabana. Tira o casaco externo e puxa sobre a cabeça o capuz de sua roupa interna. Murmurando palavras incompreensíveis, sacode as mãos febrilmente. Emite sons que dificilmente podem ser atribuídos a uma voz humana. Por fim, seu espírito guardião responde à invocação. O sacerdote deita-se em transe e, quando volta a si, promete, com expressões incoerentes, a ajuda dos bons espíritos.

A tarefa mais difícil, a de afastar Sedna, é reservada aos feiticeiros mais poderosos. Uma corda é enrolada no chão de uma grande cabana, de maneira a deixar uma pequena abertura no topo, que representa o buraco da respiração de uma foca. Dois feiticeiros colocam-se ao lado, de pé, um deles segurando na mão a lança de caçar focas, como se estivesse vigiando um buraco de foca no inverno, o outro segurando a linha do arpão. Outro sacerdote senta-se no fundo da cabana, com a função de atrair Sedna com cantos mágicos. Por fim, ela surge entre as rochas duras. Os homens escutam sua respiração pesada. Quando emerge do chão, ela encontra os feiticeiros que esperam ao lado do buraco. Recebe o golpe do arpão e torna a afundar com pressa, irada, arrastando atrás de si o arpão que os dois homens seguram com toda a força. É só com um esforço desesperado que ela consegue desvencilhar-se e retornar para sua morada em Adlivun. Nada fica com os dois homens, a não ser o arpão borrifado de sangue, que eles mostram com orgulho.

Sedna e os outros espíritos do mal são por fim afastados, e no dia seguinte celebra-se um grande festival para os jovens e os velhos em honra do acontecimento. Mas eles ainda precisam ter cuidado, pois Sedna ferida está muito enraivecida e vai agarrar os que encontrar fora da cabana. Assim, nesse dia, todos usam amuletos protetores no topo dos capuzes.

---

\* Boas usa o termo *wizard*, que pode ser traduzido por mago ou feiticeiro e que hoje receberia o atributo de xamã. [N. da T.]

Os homens se reúnem cedo no meio da aldeia. Assim que todos chegam, correm gritando e pulando ao redor das casas, seguindo a trajetória do sol. Feito o circuito, visitam cada cabana, onde a mulher deve estar esperando por eles. Quando escuta o barulho do grupo, ela sai e atira um prato cheio de pequenos presentes — carne, berloques de marfim e artigos de pele de foca — na multidão vociferante, e cada um ganha o que conseguir agarrar. Nenhuma cabana é poupada nessa ronda.

Depois os homens se dividem em dois grupos: os ptármigas, aqueles que nasceram no inverno; e os patos, ou os filhos do verão. Uma grande tira de pele de foca é estendida no chão. Cada grupo segura uma das pontas e tenta com toda a força arrastar o grupo oposto para o seu lado. Se os ptármigas cedem, então o verão ganhou o jogo; pode-se esperar que o bom tempo prevaleça nos próximos meses.

Tendo sido decidida a disputa das estações, as mulheres trazem para fora uma grande caldeira de água e cada pessoa pega o seu copo. O grupo permanece perto da caldeira, enquanto o mais velho é o primeiro a dar um passo à frente entre eles. Ele tira uma taça de água da caldeira, borri-fa algumas gotas no chão, vira o rosto para o lar da sua juventude e declara seu nome e o do lugar em que nasceu. É imitado por todos os outros habitantes da aldeia, até as crianças menores, representadas por suas mães. As palavras dos anciãos são ouvidas com respeito e as dos caçadores ilustres são recebidas com aplausos efusivos.

Então eleva-se um grito de surpresa e todos os olhos se viram para uma cabana de onde saem duas figuras gigantescas e majestosas. Usam botas pesadas: as pernas estão inchadas de um modo formidável por estarem enfiadas em várias calças; os ombros estão cobertos com um casaco de mulher; no rosto, trazem uma máscara medonha de pele de foca. Na mão direita carregam o arpão; nas costas, bóias infladas de pele de foca; na mão esquerda, a raspadeira com que as peles são preparadas. Em silêncio, com longos passos, os kailertetang aproximam-se do grupo, que recua gritando, pressionando para trás. Solenemente, o par conduz os homens a um lugar adequado, organiza todos em fila, e contra esse grupo dispõe as mulheres numa fila oposta. Eles formam pares com os homens e as mulheres, e esses pares correm, perseguidos pelos kailertetang, até a cabana da mulher, onde passam o dia seguinte. Tendo cumprido o dever, os kailertetang vão para a costa e invocam o vento norte que traz bom tempo, enquanto mandam o vento sul, desfavorável, se afastar.

Assim que terminam as palavras mágicas, todos os homens atacam os kailertetang com grande barulho. Agem como se tivessem armas nas mãos e quisessem matar os dois espíritos. Um finge perfurá-los com a lança, outro apunhalá-los com uma faca; um finge cortar seus braços e pernas, outro bater impiedosamente nas suas cabeças. A bóia que eles carregam nas costas é rasgada e fica murcha, e os dois logo se deitam como se estivessem mortos ao lado das armas quebradas. Os esquimós os deixam para pegar os seus copos, e os kailertetang acordam para uma nova vida. Cada homem derrama um pouco de água nas suas bóias, oferece um copo para eles e pergunta sobre o futuro, a sorte das caçadas e os acontecimentos da vida. Os kailertetang respondem em murmúrios que o inquiridor deve interpretar por si mesmo.

Já contei uma tradição dos esquimós. Eles gostam muito de contar essas histórias e têm um enorme estoque de lendas, das quais consegui coletar uma quantidade considerável. A cena em que as tradições são transmitidas é muito interessante. Eu gostava dessas ocasiões, pois nada pode ser mais instrutivo para o viajante do que escutar canções e lendas do povo que ele deseja estudar. O homem que relata as tradições tira o casaco externo e senta-se no fundo da cabana, de frente para a parede. Ele levanta o capuz, veste as luvas e prepara-se com uma breve canção. A audiência fica de pé ou se acocora no chão das cabanas, e então a chama das lâmpadas é diminuída. Apenas uma luz fraca ilumina o pequeno espaço. Vou contar uma das mais características dessas histórias, assim como a escutei numa aldeia no estreito Davis. Trata-se do conto de Qaudjaqdjuq.

### *O conto de Qaudjaqdjuq*

Há muito tempo havia um pobre menino órfão que não tinha protetor e era maltratado por todos os habitantes da aldeia. Ele nem tinha permissão para dormir na cabana. Deitava-se fora, no corredor frio, no meio dos cães, que lhe serviam de travesseiros e acolchoado. Nem lhe davam tampouco carne; atiravam-lhe um couro de morsa velho e duro, que ele era obrigado a comer sem faca. Levava uma vida miserável e não crescia, continuando a ser o pobre pequeno Qaudjaqdjuq. Ele nem ousava juntar-se às brincadeiras das outras crianças, pois elas também o maltratavam por causa de sua fraqueza.

Quando os habitantes da aldeia se reuniam para dançar e festejar, Qaudjaqdjuq costumava deitar-se no corredor e espiar sobre o umbral.

De vez em quando, um dos homens o levantava pelas narinas e o puxava para dentro da cabana para zombar do menino. Como ele era frequentemente levantado pelas narinas, elas ficaram muito grandes, embora ele continuasse pequeno e fraco.

Um dia, o homem da Lua, que tinha visto como os homens maltratavam Qaudjaqdjuq, desceu para ajudá-lo. Arreou os cães no seu trenó e veio para a Terra. Quando chegou perto da cabana, parou e gritou: “Qaudjaqdjuq, saia!” Qaudjaqdjuq respondeu: “Não vou sair, vá embora!” Mas, quando o homem pediu pela segunda e terceira vez que saísse, ele obedeceu, embora estivesse muito assustado. Então o homem da Lua foi com Qaudjaqdjuq para um lugar em que havia grandes blocos de pedra. Depois de chicoteá-lo, perguntou: “Você se sente mais forte agora?” Qaudjaqdjuq respondeu: “Sim, eu me sinto mais forte.” “Então levante aquele bloco de pedra ali”, disse ele. Como Qaudjaqdjuq não foi capaz de levantá-lo, ele o chicoteou mais um pouco, e então de repente Qaudjaqdjuq começou a crescer, primeiro pelos pés, que passaram a ter um tamanho extraordinário. Mais uma vez o homem da Lua lhe perguntou: “Você se sente mais forte agora?” Qaudjaqdjuq respondeu: “Sim, eu me sinto mais forte.” Mas, como ainda não conseguia levantar a pedra, recebeu mais chicotadas, depois das quais adquiriu grande força. Levantou o bloco de pedra como se fosse um pequeno seixo. O homem da Lua disse: “Assim está bem. Amanhã de manhã vou mandar três ursos, então você poderá mostrar sua força.”

Ele retornou à Lua, mas Qaudjaqdjuq, que agora tinha se tornado Qaudjuqdjuq (isto é, “o grande Qaudjaqdjuq”), voltou para casa, chutando as pedras e fazendo-as voar para a direita e para a esquerda. À noite, ele se deitou mais uma vez entre os cães para dormir. Na manhã seguinte, esperou pelos ursos. Logo apareceram três grandes animais, assustando todos os homens, que não ousavam sair das cabanas.

Então Qaudjuqdjuq enfiou as botas e correu para o gelo. Os homens que olhavam pela janela disseram: “Olhem, não é Qaudjaqdjuq? Os ursos logo vão acabar com ele.” Mas ele agarrou o primeiro pelas patas traseiras e esmagou sua cabeça num *iceberg* que havia perto; o outro não teve melhor sorte; o terceiro, entretanto, ele carregou até a aldeia. Usou o urso para matar alguns de seus perseguidores. Outros ele asfixiou com as mãos ou cortou as suas cabeças, gritando: “Isso é por vocês terem abusado de mim! Isso é por vocês terem me maltratado!” Aqueles que ele não matou fugiram correndo, para nunca mais

voltar. Foram poupados apenas uns poucos que tinham sido bondosos com ele, quando ainda era o pobre Qaudjaqduq. Ele viveu e se tornou um grande caçador, viajando por toda a região e realizando muitas façanhas.

Nessa história, o homem da Lua aparece como o protetor dos órfãos. Ele é um dos espíritos poderosos na mitologia dos esquimós. Mas, além do homem da Lua, muitos espíritos menores são conhecidos. São chamados *tornait* e aparecem na forma de homens, ursos ou pedras. Com sua ajuda, um homem pode se tornar o que se chama *angakoq*, uma espécie de sacerdote ou feiticeiro. Os espíritos o ajudam a descobrir as causas da doença ou da morte, e assim ele se torna o curandeiro. Nas suas palavras mágicas eles empregam uma linguagem peculiar, composta em grande medida de raízes arcaicas. É extraordinário que algumas dessas palavras, que coletei na costa da baía de Baffin, sejam encontradas na língua de tribos do Alasca. Isso mostra que, em tempos antigos, existiu uma conexão próxima entre os esquimós do nordeste da América e os habitantes do Alasca. O *angakoq*, ou sacerdote, exerce grande poder sobre as mentes dos esquimós. Seus comandos são estritamente obedecidos, e suas prescrições a respeito de se abster de certos tipos de trabalho ou alimento também são rigidamente observadas. É estranho que os esquimós, que têm um suprimento muito limitado de animais para alimentação, imponham-se restrições alimentares. Ainda assim, suas regras a esse respeito são numerosas. Por exemplo, é impossível induzi-los a comer carne de morsa durante a temporada de caça aos cervos ou vice-versa. Focas e cervos não devem ser postos em contato. Embora não sejam asseados, os esquimós sempre se lavam antes de mudar de um alimento para outro. Acredita-se em geral que os esquimós são sujos, mas posso lhes assegurar que não é assim em todos os lugares. Em algumas cabanas no estreito de Cumberland, encontrei os habitantes limpos e com uma boa aparência sob todos os aspectos, enquanto em outros lugares dava-se exatamente o contrário. Lembro-me de uma aldeia que visitei no inverno. Tudo parecia tão sujo e cheio de óleo de morsa que fiquei enojado. Quando retornei para a tribo no estreito de Cumberland, eu lhes contei a minha observação. Todos os esquimós riram e uma mulher me disse: “Você não sabia disso? Quando vêm gordura, sentam-se no meio da gordura para comê-la. Não se importam de sujar os casacos brancos. Mas nós somos como as gaivotas. Também temos de tirar nosso alimento da gordura e do óleo,

mas, como aqueles pássaros, nos mantemos afastados e pegamos cuidadosamente o que queremos.”

A viagem para a tribo que acabei de mencionar foi notável em vários aspectos. Na terra dos esquimós, a chegada de estranhos é um acontecimento, e grandes cerimônias estão ligadas a esse fato. Os nativos da aldeia formam uma fila enquanto jogam com pequenas bolas e cantam. Um homem forte se coloca na frente da fila e espera o estranho. O último se aproxima, os braços dobrados sobre o peito, a cabeça inclinada para o lado direito. Então o nativo lhe dá um golpe terrível na bochecha, e em seguida espera o golpe do estranho. Assim eles continuam por um longo tempo, até um dos homens ser vencido. No final da proeza, o estranho é convidado a entrar nas cabanas, e a partir daquele momento ele é amigo e companheiro dos nativos. Quando cheguei, os homens não sabiam quem iria chegar e formaram uma fila. Mas, assim que descobriram um homem branco, o primeiro a visitar sua aldeia, eles se puseram a gritar muito alto, o que induziu as mulheres e as crianças a saírem das cabanas baixas. Todos começaram a dançar, gritar e cantar, uma balbúrdia que ainda soa nos meus ouvidos. A novidade — “*Qodlunaq! Qodlunaq!*”, isto é, “Um homem branco! Um homem branco!” — tinha-se espalhado com incrível rapidez por toda a aldeia. Todos estavam ansiosos para ver o recém-chegado; as crianças se escondiam timidamente atrás das longas caudas dos casacos de suas mães, gritando com medo e excitação. Em suma, foi uma cena que sempre vai estar em primeiro plano nas minhas lembranças da vida dos esquimós.

Depois de muitas pequenas aventuras, e depois de uma relação longa e íntima com os esquimós, foi com um sentimento de tristeza e pesar que me separei de meus amigos árticos. Eu tinha visto que eles desfrutavam a vida, e uma vida dura, como nós; que a natureza também é bela para eles; que os sentimentos de amizade também estão arraigados nos seus corações; que, apesar de levar uma vida rude, o esquimó é um homem como nós; que seus sentimentos, suas virtudes e suas deficiências são baseados na natureza humana, como os nossos.



nossos. Devemos rejeitar muitas pressuposições que nos parecem evidentes, pois esses estados mentais não eram evidentes em tempos antigos. Na verdade, é impossível reconhecer *a priori* o que em nossos sentimentos é comum a toda a humanidade e o que é apenas o resultado da história<sup>7</sup> — exceto pelos ensinamentos da etnologia. Só a etnologia abre a possibilidade de julgar nossa própria cultura de forma objetiva, na medida em que nos permite abandonar a maneira supostamente evidente de pensar e sentir que determina os fundamentos dessa cultura. Só assim o nosso intelecto, instruído e formado sob as influências de nossa cultura, pode atingir um julgamento correto dessa mesma cultura.

## TEXTO 9

### Sobre sons alternantes\*

Em tempos recentes, um fenômeno interessante tem chamado atenção. Observou-se que um número considerável de indivíduos não consegue distinguir diferenças de tonalidade e de timbre sonoros que são facilmente discernidos pelos ouvidos comuns. A semelhança desse fenômeno com o daltonismo levou à adoção da desorientadora expressão “daltonismo sonoro”. Um análogo exato do daltonismo seria, é claro, a completa incapacidade de distinguir a tonalidade dos sons, mas isso, até onde sei, nunca foi observado. O traço característico do daltonismo sonoro é a incapacidade de perceber as peculiaridades essenciais de certos sons.

A investigação desse assunto tem-se reduzido à fonologia das línguas. Há pesquisas sobre a faculdade de os indivíduos reconhecerem certas consoantes e vogais. Como se sabe, estamos sujeitos a compreender erroneamente uma palavra que ouvimos pela primeira vez e cuja derivação não conhecemos. Isso pode ocorrer por duas causas: a palavra pode ser tão longa que somos incapazes de perceber seus componentes fonéticos e sua sequência de uma só vez, ou então podemos deixar de perceber o caráter peculiar de cada elemento fonético.

Aqui temos de considerar apenas o segundo caso. Os experimentos a esse respeito têm sido feitos em geral com crianças, pois é relativamente

<sup>7</sup> Cf. 1940, p. 636, “deve-se à cultura em que vivemos”.

\* *American Anthropologist* 2 (1889): 47-53.

fácil encontrar palavras que lhes sejam desconhecidas. Essas palavras são ditadas e as crianças tentam reproduzi-las por escrito. Então, as palavras grafadas erroneamente são estudadas. Recentemente, a pedido do professor G. Stanley Hall, Sara E. Wiltse fez um estudo muito interessante desse fenômeno, cujos resultados foram publicados no *American Journal of Psychology*, I, p. 702. Ela logo descobriu que palavras longas, como *ultramarine*, *altruistic*, *frustrate*, *ultimatum* etc., geravam resultados insatisfatórios, pois as crianças deixavam de perceber a seqüência dos sons componentes. A seguir, a experiência foi feita com uma série de palavras monossilábicas, sugeridas pelo dr. Clarence J. Blake, o que deu resultados muito interessantes. Na palavra *fan*, por exemplo, o *f* foi compreendido uma vez como *kl*, uma vez como *s*, três vezes como *th* surdo, cinco vezes como *th* sonoro, sendo *fan* substituído pelas seguintes palavras: *claims* (1), *ram* (1), *fang* (1), *fell* (2), *fair* (4), *thank* (3), *than* (5). A palavra ditada não foi substituída por nenhuma combinação de sons sem sentido. Uma consulta à lista da srta. Wiltse mostra que isso raramente se dá.

Os resultados desses experimentos são muito satisfatórios, apesar do caráter não fonético da ortografia inglesa. Eles mostram que os sons não são percebidos pelo ouvinte da maneira como foram pronunciados pelo falante.

Vamos examinar como se origina essa má compreensão dos sons. Aprendemos a pronunciar os sons da nossa língua por meio de longo uso, e alcançamos grande facilidade em colocar os nossos órgãos que produzem sons nas posições em que esses sons são produzidos. Por uma constante e continuada prática, também aprendemos a pronunciar certas combinações de sons. O caráter desses sons depende unicamente da posição dos órgãos de produção sonora e da força com que o ar passa para fora da boca ou do nariz. Apesar de aprendermos — pela prática — a colocar nossos órgãos em certas posições, é fácil compreender que essas posições não são exatamente as mesmas toda vez que tentamos produzir um certo som; elas variam um pouco. Os sons precedentes e subseqüentes, além de muitas outras circunstâncias, exercem certa influência sobre o som que pretendemos produzir.

A vibração do ar correspondente a esse som coloca em movimento a membrana do tímpano do ouvinte que percebe o som. Mas, como ele o percebe? Por meio de sons semelhantes que já ouviu antes. As vibrações que produzem aquilo que já foi percebido variam ligeiramente, dentro de

uma certa média; além disso, temos de considerar que o conceito de um som é ainda mais variável.

É melhor explicar isso de forma mais detalhada. Se temos duas sensações parecidas, separadas por um intervalo considerável, será maior a probabilidade de acreditarmos que são idênticas (embora sejam de fato diferentes). Mais semelhantes serão as duas sensações quanto mais longo for o intervalo e menor for a atenção. Por exemplo, se me mostram primeiro um branco azulado e mais tarde um branco amarelado, há grande probabilidade de que, ao ser perguntado, eu declare que são ambos da mesma cor. Para usar o termo técnico, a diferença entre os dois estímulos será tão pequena que não ultrapassará o limiar diferencial. Esse fenômeno deve ser claramente distinguido do limiar diferencial de duas sensações que são contíguas no espaço ou no tempo. No último caso, a incapacidade de perceber a diferença decorre de causas fisiológicas, pelo menos em grande parte; decorre de não percebermos um fenômeno ou processo. Se, por exemplo, duas superfícies de maior e menor intensidade estão contíguas, podemos ser incapazes de discernir a linha divisória; se a intensidade de uma luz é repentinamente aumentada, podemos não reconhecer a mudança. No primeiro caso, entretanto, quando ambas as sensações são separadas por um intervalo, o fato de não distinguirmos as duas decorre principalmente de causas psíquicas.

Entretanto, a incapacidade de distinguir sensações, mesmo se contíguas no espaço e no tempo, prova que aquilo que chamamos "sensação" corresponde a uma certa série de estímulos ligeiramente diferentes. Os experimentos mostram que a amplitude dessa série é tanto maior quanto menor for a atenção prestada durante a percepção das sensações.

Em ocasião anterior, fiz uma série de experimentos para determinar como o intervalo entre as duas sensações influencia a amplitude da série dos estímulos que causam uma sensação, ou, como se diz em geral, sobre o limiar diferencial. Descobri que, dentro de certos limites, a amplitude aumentava rapidamente. Em outras palavras, quanto mais longo o intervalo, mais facilmente um estímulo é trocado por outro similar; ou quanto mais longo o intervalo, maior a probabilidade de um estímulo consideravelmente diferente do original ser percebido como se fosse o mesmo.

A mesma série de experimentos mostrou que a prática tem uma influência surpreendentemente grande. Diante de pares de linhas horizontais paralelas — as superiores com 35 mm de comprimento, as inferiores com

34 mm a 39 mm de comprimento — a pessoa devia apontar aquela que parecia mais longa. Logo se tornou evidente que a combinação 35 mm / 37 mm assumia um caráter padrão, ao qual todas as outras eram comparadas. A seguir, fizemos uma série semelhante de experimentos com pares de linhas com aproximadamente 25 mm de comprimento. Passei a fazer estimativas do comprimento absoluto de linhas que variavam de 15 mm a 40 mm, expresso em milímetros inteiros. Observei que as linhas com aproximadamente 25 mm e 35 mm de comprimento eram em geral consideradas linhas situadas nesse intervalo; no caso das outras linhas não houve essa preferência por certos números. Havia uma tendência a favor das duas quantidades que eu tinha experimentado antes.

Isso parece discordar do fato estabelecido de que o limiar diferencial diminui com a prática crescente. Essa discordância é apenas aparente. Nosso julgamento é uma classificação das percepções em classes de 1 mm de extensão cada uma. A maior frequência do julgamento “25 mm” e “35 mm” surge do fato de que reconheci essas duas linhas com mais frequência que as outras, e de que a grande semelhança da linha de 24 mm com a de 25 mm me induz a classificá-la nesse intervalo que conheço melhor pela prática. Se a diferença entre as duas linhas excedesse materialmente o limiar diferencial, o resultado seria diferente. Esse fenômeno pode ser expresso psicologicamente: uma nova sensação é percebida por meio de sensações semelhantes que já integram o nosso conhecimento.

Deixem-me dar alguns exemplos, pois esta é a parte mais importante de nossas considerações. Muitas línguas não têm um termo para a cor verde. Se um indivíduo que fala essa língua vê uma série de estames verdes, ele vai dizer que parte deles é amarela, outra parte azul, sendo duvidoso o limite entre as duas divisões. Ele classifica certas cores hoje como amarelo, amanhã como azul, pois percebe o verde por meio do amarelo e do azul. Sentimos os odores da mesma maneira e classificamos os novos odores conforme aqueles a que se assemelham.

Não quero dizer que essas sensações não são reconhecidas em sua individualidade, mas sim que elas são classificadas conforme a semelhança. A classificação é realizada de acordo com sensações conhecidas. A dificuldade ou a incapacidade de distinguir duas sensações, como indiquei acima, corresponde a uma situação de máxima semelhança, o que depende da semelhança dos estímulos físicos e do grau de atenção. No caso discutido antes, descobrimos que o terceiro fator era o comprimento

do intervalo entre as duas sensações. No presente caso, é o caráter distinto do objeto da percepção. Quanto mais clara a percepção da sensação, menor a probabilidade de que outra sensação seja trocada por ela; quanto menos clara a percepção, tanto mais provável que ocorra esse erro.

Vamos aplicar essa teoria aos fenômenos dos erros de audição. O falante pronuncia a palavra *fan*. O *f* vai ser aproximadamente o *f* médio. O ouvinte percebe um complexo de sons. Pode haver duas causas para que o ouvinte ouça erroneamente a palavra falada. Primeiro, os elementos fonéticos que ele escuta são semelhantes a outros elementos fonéticos. Circunstâncias fortuitas podem fazer com que a sensação se desvie um pouco da média, na direção de outro elemento fonético. Assim, pode acontecer que, em vez de ser classificado no seu próprio escaninho, ele seja classificado num similar. A classificação é feita de acordo com os sons que sabemos existir em nossa língua. Assim, encontramos o *f* de *fan* freqüentemente classificado com o *th* relativamente semelhante. Segundo, o ouvinte não sabe o significado do complexo de sons falado, pois não há contexto, mas ele sabe que os sons pretendem representar uma palavra. Portanto, quando ele ouve o complexo de sons, eles são logo classificados como uma palavra semelhante; essa assimilação involuntária pode influenciar a percepção dos sons componentes.

Material muito melhor do que o obtido nas escolas pode ser colhido nas notas de campo dos filólogos. Eles põem por escrito uma língua que escutam pela primeira vez e cuja estrutura não conhecem. Nesse caso, homens perfeitamente treinados na ciência da fonologia tentam reproduzir por escrito combinações de sons que não têm significado para eles. O estudo de seus equívocos é instrutivo.

O primeiro fenômeno que chama atenção é que a nacionalidade de cada um pode ser imediatamente reconhecida, até quando se trata de observadores bem treinados. H. Rink demonstrou isso, claramente, em relação aos vocabulários dos esquimós. As provas são tão abundantes que não preciso dar exemplos. Os vocabulários das pessoas que coletam os sons, embora sejam empregados sinais diacríticos ou alfabetos especiais, contêm evidências da fonética de suas próprias línguas. Isso só pode ser explicado pelo fato de que cada um percebe os sons desconhecidos por meio dos sons de sua própria língua.

Ainda mais instrutivos são os erros de um só coletor, quando ele procura soletrar a mesma palavra em tempos variados. Vou dar exemplos co-



lhidos de minhas próprias coleções de textos e palavras dos esquimós e de línguas da Colúmbia Britânica. As palavras estão soletradas pelo alfabeto do Bureau de Etnologia:

## ESQUIMÓ

Opernfving	Upernfvik	Uperdnfvik
Kikertákdjua	Kekertákdjuak	Kekertáktuak
Nertsédluk	Neqtsédluk	
Kaímut	Kaíyun	
Saúmia	Caúmia	

No primeiro desses exemplos, será notada a mudança entre *o* e *u*, *n* e *dn*, *k* e *ng*; no segundo, a omissão do terminal *k*; no terceiro, a troca entre *r* e *q*; no quarto, entre *m* e *v*; no último, entre *s* e *c*. Depois de ter estudado a língua de forma mais completa, notei que o *n* é freqüentemente pronunciado com o nariz fechado. Isso dá origem às grafias alternantes *n* e *dn*. O *v* não é um labial dental, mas um labial sonoro forte, sendo muito semelhante tanto a *v* como a *m*; por isso é percebido alternadamente como sendo esses dois sons. Finalmente, observei que há um som entre *s* e *c*, mas não é nenhum dos dois; mesmo assim, minha primeira percepção desse som foi por meio desses outros. Em 1886, quando coletei algum material tsimshian, soletrei *päc*, medo; mais tarde soletrei a mesma palavra como sendo *bas*. No verão passado, quando estudei essa língua com mais detalhes, notei que tinha classificado o surdo-sonoro primeiro em *b*, mais tarde em *p*. Achei que o som *a* era um som intermediário entre *a* e *ä*; o *c*, semelhante ao som correspondente em esquimó, entre *s* e *c*.

Todos esses erros decorrem de uma percepção errônea causada pelo sistema fonético de nossa língua materna. Por esta razão, sustento que não existe o fenômeno dos sons sintéticos ou alternantes. Sua ocorrência não é sinal de primitivismo da língua em que ocorrem; esses sons alternantes são percepções alternantes de um mesmo som. Um estudo completo de todos os sons alternantes — ou sons sintéticos — mostrará que sua existência pode ser explicada por percepções alternantes. Não é necessário que os sons sejam sempre percebidos por meio da língua materna do ouvinte, pelo menos no caso de observadores treinados. Nesses casos, os primeiros estudos de uma língua podem produzir um forte viés para as pesquisas posteriores, ou o estudo de uma língua pode causar um viés no estudo da fonologia de outra língua estudada depois. Cada um desses vie-



ses tende a induzir o coletor a classificar alternadamente — conforme os sons com que se parece — um som intermediário para vários outros sons que não ocorrem no sistema fonético que ele tem em mente.

Há um teste crucial para essa teoria. Se ela está correta, vários sons que se parecem com um som conhecido devem ser freqüentemente considerados o mesmo, embora sejam de fato diferentes. Observei isso na língua dos haida e dos kwakiutl, bem como entre os esquimós. No primeiro caso, ocorre um hiato muito tênue, que só descobri, com a maior dificuldade, quando ouvi as palavras “nós” e “tu” mais ou menos vinte vezes, sem ser capaz de perceber a diferença: a primeira é *d'aléngua*; a outra é *daléngua*. Em kwakiutl, percebi freqüentemente a combinação *gy*, mas por fim descobri que há realmente dois sons distintos, que reproduzo por *ky'* e *gy'*. Entre os esquimós, encontrei a mesma dificuldade em distinguir o *gdl* dos autores dinamarqueses e o *l* comum.

O segundo e melhor teste crucial é tentar verificar se os indivíduos que falam uma dessas línguas que parecem ter “sons alternantes” ouvem os sons da nossa própria língua como sons alternantes. É o que de fato se dá. No verão passado, pedi a um tlingit que pronunciasse o *l* inglês. Descobri que ele pronunciava alternadamente o *l* explosivo da costa noroeste e o *y*. Da mesma forma, ele pronunciava o *r* gutural alemão alternadamente como *r*, *w* e *g*. Posso acrescentar que um escocês a quem pedi que pronunciasse a palavra alemã *süd* pronunciou alternadamente *yūd* e *sū'd*. Acredito que esse teste é decisivo. Parece-me uma explicação suficiente dos fenômenos de “daltonismo sonoro”, bem como dos “sons alternantes”: eles se originam de uma “percepção alternante”.

## TEXTO 10

### Comentários sobre a teoria da antropometria\*

A teoria antropométrica de base estatística fundamenta-se em grande parte nas investigações de Quetelet, que procurou provar que a distribuição dos dados antropométricos segue a lei do acaso. Algumas tentativas de desenvolver ainda mais a teoria foram feitas por Stieda e Ihering, além de Francis Galton. Os primeiros enfatizaram a introdução da variação

\* *Quarterly Publications of the American Statistical Association* 3 (1893): 569-575.